

Questões feministas e de gênero nas histórias em quadrinhos: o caso da Mulher-Maravilha

Feminist and gender issues in comic books: the case of Wonder Woman

Vinícius Ryan de Sousa Montenegro¹

Viviane Moraes de Caldas²

Resumo: As histórias envolvendo super-heróis povoam o imaginário coletivo. Desde a ascensão das HQs, essa mídia de entretenimento construiu uma mitologia própria, narrando os feitos grandiosos de seres superiores aos homens comuns. Considerando o panteão lendário, a Mulher-Maravilha se consagra como uma das super-heroínas mais importantes das histórias em quadrinhos; contudo, apesar do legado inegável, a personagem gerou debates intermináveis a respeito de sua simbologia: poderia ser considerada um símbolo do feminismo ou apenas reforçaria estereótipos de gênero? Diante do exposto, o presente artigo objetiva, com base nas contribuições de Wolf (1992), Andrade (2003), Beard (2023) e Cixous (2022), analisar a ambiguidade presente na história da Mulher-Maravilha, assumindo como base os discursos responsáveis por sustentar os feitos da princesa amazona ao longo de suas aparições. Os resultados evidenciam que a referida super-heroína serviu como agente de propagação de variadas ideologias. Conclusivamente, ressalta-se que a Mulher-Maravilha, conquanto não possa representar o feminismo como um todo, atua como uma poderosa ferramenta para romper os grilhões do patriarcado.

Palavras-chave: Feminismo; Gênero; Histórias em quadrinhos; Mulher-Maravilha.

Abstract: Stories involving superheroes populate the collective imagination. Since the rise of comic books, this entertainment medium has built its own mythology, narrating the grandiose deeds of beings superior to ordinary men. Considering the legendary pantheon, Wonder Woman is established as one of the most important superheroes in comic books; however, despite her undeniable legacy, the character has generated endless debates about her symbolism: could she be considered a symbol of feminism, or would she only reinforce gender stereotypes? In view of the above, this article aims, based on contributions from Wolf (1992), Andrade (2003), Beard (2023) and Cixous (2022) to analyze the ambiguity present in the story of Wonder Woman, based on the discourses responsible for sustaining the deeds of the amazon princess throughout her appearances. The results show that this superheroine served as an agent for the propagation of various ideologies. In conclusion, it should be noted that Wonder Woman, although she cannot represent feminism as a whole, acts as a powerful tool for breaking the chains of patriarchy.

Keywords: Feminism; Gender; Comic books; Wonder Woman.

Introdução

As histórias em quadrinhos focadas nas aventuras de super-heróis ganharam uma visibilidade crescente no século XX. Considerando o panorama do referido período histórico, constata-se sucessivas crises que afetaram desde a economia global até a ordem geopolítica do mundo. As repercussões de tais acontecimentos moldaram em

¹ Mestrando em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6063437965033940>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2437-8609>. E-mail: viniciusryan@gmail.com

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na linha de pesquisa de Estudos Clássicos, com estágio doutoral como Pesquisadora Visitante, no Instituto de Filologia Clássica da Universidade de Viena (Áustria). Professora adjunta de Língua Latina, na Universidade Federal de Campina Grande. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0372425956977246>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8898-2568>. E-mail: viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br

demasia todo o imaginário da época, inclusive no viés econômico, âmbito fortemente influenciado pela criação de símbolos nacionais.

É justamente assumindo como objeto de análise o embate vivenciado durante a 2º Guerra Mundial que podemos constatar a relevância política dos super-heróis. Para exemplificar essa questão, basta lembrar que o conflito contra a Alemanha nazista não se consagrou somente nos campos de batalha. Na verdade, também se fomentou uma intensa propaganda ideológica com o auxílio de personagens das histórias em quadrinhos, isto é, super-heróis, que enfrentavam o poderio de Hitler.

Nesse contexto de guerra, surge a Mulher-Maravilha, criada por William Moulton e oficialmente lançada para o grande público na *All-Star Comics* nº 8. É incontestável a importância da Mulher-Maravilha para pavimentar discussões referentes tanto ao protagonismo feminino nas histórias em quadrinhos quanto aos papéis de gênero que, em sua maioria, associavam a mulher a uma posição de subalternidade. Embora seja majoritariamente representada como símbolo do feminismo, ainda existem questões presentes nas histórias da heroína que favorecem sua dubiedade conceitual: seria uma personagem característica do poder emancipador das mulheres ou apenas um produto estereotipado para a grande massa?

Trata-se de uma discussão relevante, uma vez que, apesar das décadas que nos separam da origem da guerreira amazona, sua presença no imaginário popular atravessou incontáveis mídias do entretenimento, que não escondiam os dotes físicos — e exagerados — da heroína. Logo, temos uma personagem cuja história revela uma rica construção mitológica, conquanto persistam discussões a respeito do seu enquadramento nos discursos referentes ao patriarcado.

Com isso, o presente artigo objetiva analisar a construção mitológica da Mulher Maravilha para compreender, com o auxílio de sua extensa aparição nas histórias em quadrinhos e adaptações cinematográficas, como a referida heroína incorpora resquícios de uma ambivalência ideológica. Em outras palavras, compreendemos que sua força simbólica pode tanto ultrapassar as mazelas do patriarcado quanto reforçar estereótipos do comportamento feminino. Durante essa análise, as reflexões de Andrade (2003), Beard (2023), Cixous (2022), Nascimento (2018), Wolf (1992) auxiliam nossa percepção crítica a respeito da ambiguidade simbólica da maior super-heroína dos quadrinhos.

Para tal feito, este trabalho está dividido da seguinte forma: em primeiro lugar, será percorrido sobre a criação da Mulher-Maravilha, levando em consideração o contexto

sociopolítico de seu nascimento; em segundo lugar, será analisada brevemente a construção mitológica da personagem ao longo dos anos, de forma a evidenciar as temáticas feministas e de gênero que tanto repercutiram nas aventuras da super-heroína ao longo de suas aparições.

A força simbólica da Mulher-Maravilha

Esta seção objetiva discutir a respeito do processo de criação da Mulher-Maravilha, considerando o contexto sociocultural circundante durante o nascimento da heroína no século XX. Feitas essas discussões iniciais, será possível compreender como a sociedade da época enxergava os papéis de gênero, em especial aqueles considerados unicamente femininos. Em seguida, será analisada a construção mitológica da Mulher-Maravilha ao longo dos anos para, enfim, entendermos se a força simbólica da personagem supera quaisquer preconceitos ou se ainda é refém das construções de gênero instituídas pelo patriarcado.

O nascimento da mulher guerreira

O desenrolar do século XX não apenas possibilitou o desenvolvimento de novas formas de conhecimento, mas também instigou uma cosmovisão reformulada a respeito do potencial destrutivo da espécie humana. As duas grandes guerras catalisaram crises sociais e econômicas que repercutiram nos anos seguintes. Nessa realidade pós-guerra, os super-heróis, poderosos agentes de propaganda nacional, permaneceram protagonizando novas histórias intrinsecamente ligadas às demandas contextuais.

Em relação à Mulher-Maravilha, é crucial observar de antemão o panorama das histórias em quadrinhos, afinal, esse ascendente meio de entretenimento era ocupado majoritariamente por figuras masculinas. Observando as relações sociais da época, percebe-se que as mulheres eram vistas como donas de casa, ou seja, aquelas que regulam o lar e cuidam dos filhos e das filhas. Embora tal concepção dos papéis de

gênero³ tenha sido predominante, o confronto bélico da 2ª Guerra Mundial favoreceu o surgimento de campanhas destinadas a clamar pela força de trabalho da mulher, pois

[...] era necessário se preocupar com a produção do país, inclusive a bélica, na fabricação de aviões e demais construções navais. As mulheres não foram excluídas desta mobilização, e a propaganda tornou-se o maior aliado do Estado norte-americano para a adesão de mulheres na força de trabalho (Motta; Tardin, 2017, p. 102).

As contribuições de Motta e Tardin (2017) parecem sugerir uma tentativa do governo norte-americano de romper com o conservadorismo vigente, tendo em vista que a propaganda política apelava para a inclusão das mulheres na cadeia produtiva. Ainda assim, tal prática se sustentava apenas para suprir as demandas do momento — produção bélica —, fato evidente quando consideramos que o período pós-guerra basicamente descartou o discurso emancipador direcionado às mulheres nos anos anteriores, questão essa a ser aprofundada na seção posterior.

Por enquanto, é preciso também observar esse contexto sociopolítico com especial enfoque na ascensão e na difusão de uma nova mídia⁴ de entretenimento: as histórias em quadrinhos. Em meio à efervescência política da época, criar personagens capazes de guiar ideias libertárias e que, de alguma forma, representassem símbolos nacionais, tornou-se uma demanda crucial na realidade da guerra. Como já mencionado, a Mulher-Maravilha apareceu pela primeira vez nas HQs em 1941, criada pelo psicólogo William Moulton, homem que não apenas conhecia o feminismo e as pautas de gênero, mas que, sobretudo, buscava criar um modelo de feminilidade para os jovens da época. Percebe-se, portanto, uma gênese de personagem aparentemente ungida por preceitos

³ Importante mencionar que “gênero” é caracterizado com base na perspectiva de Maria Augusta Pimentel, ao afirmar que se trata de uma construção social e histórica, o que implica uma pluralidade de concepções do masculino e feminino nas diferentes sociedades considerando a religião, classe social e faixa etária (Pimentel, 2003). Essa noção é relevante essencialmente por causa das seguintes razões: evidencia que as construções de gênero são mutáveis a depender do contexto histórico observado; além disso, revela que o gênero está atrelado às relações de poder, em outras palavras, configurações sociais distintas moldam os papéis do homem e da mulher de forma a estabelecer padrões de dominância de um sob o outro. Lerner (2019), de forma complementar, menciona o gênero como “[...] uma construção social. É o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade” (Lerner, 2019, p. 45). Essa noção contextualiza o papel atribuído às mulheres ao longo do tempo e “justificaria”, sob o modelo patriarcal, o lugar delas na sociedade.

⁴ Neste trabalho, o conceito de “mídia” é entendido como campos de comunicação em massa em que se difundem cultura e informação, fenômeno presente na chamada cultura das mídias, estas heterogêneas e multimodais, tais como cinema, *videogames* e histórias em quadrinhos. Isso está de acordo com a concepção de que a cultura das mídias tece “[...] uma dinâmica que, tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começava a possibilitar aos seus consumidores a escola entre produtos simbólicos alternativos” (Santaella, 2003, p. 53).

feministas, pois objetivava um modelo de mulher não mais restrito ao arquétipo da dona do lar.

De fato, a natureza dos arquétipos reverbera até os dias de hoje e influencia em graus variados as concepções de mundo de cada sujeito. Um exemplo claro, contudo, não passível de generalização tendo em vista a riqueza mitológica, seria a deusa grega Héstia, pois “[...] é um símbolo de um estereótipo de gênero, uma ideia padronizada que circula com frequência nas mais diversas instâncias da sociedade: a ideia de que as mulheres são naturalmente donas de casa” (Nogueira, 2018, p. 19). Sendo uma divindade associada ao lar, Héstia é pouco lembrada enquanto deusa, e na linha de pensamento de Nogueira, tal fato impulsionaria a constante condição de esquecimento e muitas vezes de subserviência vivenciada pelas mulheres nos mais diversos âmbitos sociais.

É valoroso comentar a respeito da mitologia por trás da personagem central deste trabalho, afinal, sendo filha da rainha das amazonas, Hipólita, a Mulher-Maravilha — também conhecida como Diana Prince — possui uma origem guerreira. Sua primeira e sutil aparição na *All-Star Comics* n° 8 se baseava na seguinte linha narrativa: após conhecer o soldado Steve Trevor, que havia caído na Ilha Paraíso (ou *Themyscira*), isto é, a terra natal das amazonas, a Mulher-Maravilha decide se unir ao exército americano para combater as forças nazistas. Com base nesse enredo, é perceptível não apenas o apelo às capacidades extraordinárias da guerreira amazona, temática inédita quando consideramos que, na época em questão, não havia mulheres exercendo protagonismo nas HQs, mas também o intuito latente de criar um símbolo patriótico. Semelhantemente ao Capitão América, a Mulher-Maravilha incorpora em suas vestes traços da bandeira estadunidense, o que justifica seu teor nacionalista, bastante útil na época da 2ª Guerra Mundial.

A origem da super-heroína se torna mais complexa quando recapitulamos as construções de gênero do século XXI. Se a proposta de William Moulton⁵ era romper o conservadorismo existente com a criação de uma heroína guerreira, feito admirável para o contexto histórico do autor, por outro lado, é importante também reconhecer que a Mulher-Maravilha ainda é um modelo arquetípico do ser “mulher”. Conquanto possua habilidades super-humanas, seus traços corporais compactuam com os padrões de

⁵ Apesar dos créditos pela criação da super-heroína serem destinados a Moulton, sabe-se que sua esposa, Elizabeth Marston, e a amante, Olive Byrne, com quem William mantinha uma relação poligâmica, influenciaram a criação da personagem.

beleza da época. Somado isso ao fato de a veiculação da personagem ocorrer em uma mídia emergente, as histórias em quadrinhos, temos, por conseguinte, a construção de um padrão de mulher não necessariamente capaz de englobar a pluralidade feminina.

Sob o viés histórico, é plausível assumir que tal padronização da heroína, bem como dos outros super-heróis da época, seria justificada pela origem heroica. A questão é que o arquétipo do herói clássico — e a mitologia greco-romana como um todo — influenciou consideravelmente as narrativas das HQs. Sendo assim, se o herói no Período Clássico representava um ser superior aos homens comuns, um modelo de conduta, essa característica aflorou também nos super-heróis das histórias em quadrinhos. Nesse raciocínio, a Mulher-Maravilha, com base na sua origem extraordinária, personifica tanto a inovação temática de mulher guerreira como protagonista quanto os traços estéticos característicos do padrão feminino norte-americano, assim

Sua estética corporal seguiu os padrões dos demais super-heróis e mesmo sendo do gênero feminino, ela conseguia passar a mesma forma física de seus companheiros. É evidente que existe uma objetificação das mulheres em todos os meios midiáticos e os quadrinhos também tem sua contribuição (Nascimento, 2018, p. 31).

Os comentários de Nascimento auxiliam nossa compreensão a respeito da tendência temática da Mulher-Maravilha: a personagem está condicionada às relações de poder que constroem o discurso heroico e, ao mesmo tempo, é vítima de um processo unificador, em outras palavras, de uma padronização do modelo de mulher a ser buscado pelas jovens. Por outro lado, sabemos que esse “mito da beleza”, nomenclatura de Wolf (1992, p. 18), não é uma criação moderna, pois desde a Revolução Industrial ele se acentuou, principalmente por intermédio da produção massiva das imagens de mulheres com corpos ideais. Embora os quadrinhos não tenham originado essa idealização dos atributos físicos das mulheres, certamente impulsionaram o imaginário coletivo do que é atraente/valorizado.

A referida construção simbólica talvez não pareça danosa pelo fato de tratarmos de uma heroína cujos princípios são voltados para a liberdade e a justiça; todavia, como será discutido na seção posterior deste artigo, o rumo assumido pela personagem nos anos pós-guerra revela outra faceta das relações de poder envolvendo o conceito de gênero, uma vez que este, em graus variados, sempre está atrelado aos paradigmas

sociais de um determinado período histórico, rendendo, com isso, diversas situações para análise.

Para exemplificar o fenômeno, no contexto das primeiras aparições da Mulher-Maravilha, é válido lembrar que a mitologia dos super-heróis muitas vezes associa tais seres poderosos a fraquezas específicas com o intuito de limitar ou balancear sua força. Diana, por exemplo, especificamente perdia seus poderes caso permitisse que um homem prendesse seus braceletes da submissão⁶, tornando-se uma mulher comum. Embora tal fraqueza não exista mais na atual fase da super-heroína, fica nítida a ampla margem significativa dessa limitação: podemos analisar tanto sob a ótica do fetiche erótico da época ou, quiçá, como crítica do autor referente aos grilhões do modelo patriarcal, onde os homens conseguem até mesmo retirar as forças das mulheres poderosas.

Agora, é viável retomar à origem guerreira de Diana. Nas considerações de Brandão (2015), o mito das amazonas simbolicamente representa “mulheres assassinas de homens” (Brandão, 2015, p. 111), mais especificamente mulheres que rivalizam e se opõem à noção de complementaridade proposta pela união com o sexo masculino. Considerando a sociedade greco-romana, a identidade das mulheres está atrelada à relação matrimonial com os homens, estes chefes de família, aquelas donas de casa em condição de subserviência. No panorama grego, Massey (1988) reflete que “[...] todas tinham uma coisa em comum: não tinham direitos político de qualquer espécie. Eram controladas pelos homens em todas as fases das suas vidas” (Massey, 1988, p. 17). As amazonas, portanto, ao evidenciarem o conflito contra a hegemonia dos homens, seriam consideradas mulheres estigmatizadas, porquanto não obedeciam aos preceitos impostos, sob a ótica clássica, à condição feminina, vista como essencialmente maternal⁷

Por outro ângulo, se é possível conceber a ideia de que os mitos vejam pelas areias do tempo e, por conseguinte, reencarnam nos mais variados contextos

⁶ Encontramos a “explicação” para essa fraqueza na *Sensation Comics #4* (junho de 1942), quando Diana menciona se tratar da “Lei de Afrodite”.

⁷ Embora existam exemplos na sociedade grega de mulheres que ocupavam posições de prestígio, como é o caso das sacerdotisas, a cosmovisão referente ao universo feminino sempre era vista sob a ótica dos homens, o que aplicava um sentimento de ambiguidade: “A ambiguidade do gênero feminino percorre a literatura grega, que não se cansa de usar essa ambiguidade não apenas para falar das mulheres, mas principalmente para falar dos homens e de suas relações mútuas, mesmo suas relações políticas” (Andrade, 2003, p. 115). A dissertação de Andrade mostra que o discurso dominante do Período Clássico postulava a mulher como um ser ambíguo de beleza dissimuladora, ou seja, aquela que seduz e engana. Isso se deve ao fato de que os registros foram produzidos por homens; assim, o que se conhece sobre as mulheres deriva de perspectivas masculinas (Cixous, 2022; Woolf, 2014).

socioculturais, determinadas cosmovisões não precisam ser replicadas, mas sim ressignificadas. No caso da Mulher-Maravilha, embora aspectos de sua origem tenham mudado ao longo dos anos, trazer à tona uma sociedade de mulheres guerreiras, abençoada pelos deuses e afastada das agruras do patriarcado, possibilita uma ampla margem de estudo para compreender diferentes organizações sociais que não limitam o sexo feminino a um modelo estanque. Com isso, a lógica original do pensamento grego, exemplificada por Brandão (2015) a respeito da sociedade das guerreiras amazonas como alegoria para o tipo de mulher marginalizada — por não seguir os padrões de dominância da época —, pode ser ressignificado no mundo contemporâneo em prol do desenvolvimento de uma nova cosmovisão sobre o feminino.

A representatividade, portanto, é essencial quando consideramos que os paradigmas da sociedade atual erigem privilégios banalizados. No caso do pensamento cultural dominante, parece existir uma dificuldade para associar mulheres a posições de poder, pois

[...] as metáforas habituais que usamos para nos referir ao acesso feminino ao poder — “batendo na porta”, “invadindo a cidadela”, “quebrando as barreiras” ou apenas dando “um empurrãozinho” — sublinham a exterioridade feminina. As mulheres no poder são vistas como tendo ultrapassado os limites ou se apossado de algo a que não têm direito (Beard, 2023, p. 41).

Tendo em vista essas construções de gênero, a Mulher-Maravilha pode representar uma ferramenta promissora para questionar as estruturas sociais do patriarcado, o que não anula sua gênese imbuída por preceitos ainda arraigados, em certa medida, aos moldes conservadores.

As transformações da Mulher-Maravilha

Como discutido na seção anterior, a Mulher-Maravilha representou em sua origem um marco notável no que diz respeito ao protagonismo feminino nas histórias em quadrinhos. Trazida à luz em um momento da história cujo apelo à força de trabalho das mulheres poderia significar a paulatina reconfiguração das estruturas sociais vigentes, de forma a incluir a força feminina em setores mais amplos da sociedade, a princesa Diana Prince certamente apresenta feitos admiráveis, afinal, trata-se da super-heroína mais importante das HQs. Contudo, o legado construído pela Mulher-Maravilha ainda seria

submetido a discursos arquetípicos da época, fato esse capaz de enquadrá-la em convenções dissonantes de sua simbolização libertária, pois

[...] com o fim da Segunda Guerra, novamente o desafio se repete para as mulheres, que haviam conquistado seu espaço tanto no mundo do trabalho como assumindo a posição de chefes de família. Os homens retornam com seu poder de fato (retirando inclusive as mulheres de seus empregos) e a seu poder simbólico, ao “seu devido lugar” – chefe de família, provedor financeiro de autoridade incontestável. Os argumentos clássicos mais uma vez ressurgem, aqueles que afirmam que o melhor papel a ser desempenhado pela mulher era o de mãe e esposa, e seu lugar natural era o lar (Motta; Tardin, 2017, p. 103, grifo dos autores).

O que se percebe com os anos posteriores ao período da grande guerra é um retrocesso do discurso emancipador voltado para a força das mulheres. Nesse cenário, o pensamento de Motta e Tardin adquire outro grau de relevância ao mencionar o chamado “poder simbólico” dos homens. Encerrada a crise bélica que dominou o período de 1939-1945, podemos inferir que, segundo o imaginário da época, os papéis de gênero deveriam retornar à normalidade: os homens ocupariam o posto de chefes de família e as mulheres exerceriam a função materna a elas destinada, restritas ao ambiente doméstico.

O ponto primordial a ser observado é que tal discurso não atua de forma isolada, mas se ramifica em âmbitos variados, o que potencializa sua força comunicativa. Considerando o meio midiático das histórias em quadrinhos, a Mulher-Maravilha serviu como agente de propagação do ideal feminino exemplar, caso incoerente quando consideramos a origem da super-heroína, cujos alicerces se nutriam de ideais progressistas. Em meados da década de 50, período pós-guerra, Diana assumiu uma postura subordinada aos preceitos da época, como discute Nascimento a seguir

A partir de 1950, em um Estados Unidos pós Segunda Guerra Mundial, Diana virou babá, modelo e até estrela de cinema. A cada ano a heroína ficava mais fraca e o retrocesso sofrido em assuntos relacionados aos direitos das mulheres ficava mais forte. Sua relação com Steve Trevor, par romântico da personagem, ficava cada vez mais subordinada aos padrões da época. Ela queria casar com Steve, estava mais romântica e ciumenta, formando assim um estereótipo que não condizia com uma amazona. Iniciava-se aí um período de apagamento das origens e da força da personagem (Nascimento, 2018, p. 20-21).

O processo sofrido pela personagem nos domínios das HQs favorece a percepção de que, conquanto se trate de uma super-heroína fictícia, o viés político acompanha a produção e o desenvolvimento das histórias da personagem. Para se adequar à cosmovisão dominante, a Mulher-Maravilha renega sua origem guerreira e incorpora o modo de vida americano, este impulsionado pelo modelo familiar no qual a mulher assume puramente a função materna. É proveitoso apontar como essa nova fase de Diana recapitula o estereótipo clássico da ambiguidade feminina: “No ser feminino, bem e mal se confundem, e o homem não pode se fiar naquilo que vê” (Andrade, 2003, p. 117). Isso significa que o desejo romântico da personagem não anulava seus traços ciumentos ou controladores, aparentemente a única dualidade presente na mitologia da Mulher-Maravilha considerando a época em questão.

Percepções dualísticas, de um modo geral, empobrecem análises mais aprofundadas quando levamos em consideração universos socioculturais, uma vez que a pluralidade de ritos, concepções e ideologias são variadas. Para exemplificar esse fato, basta termos noção que o panteão greco-romano, fundamental para estabelecer a base mitológica de Diana Prince, é composto por deuses e deusas cujas identidades representam potências intimamente associadas a um complexo sistema religioso; além disso, como salienta Robles (2006), “[...] seus deuses nos ensinam que não pertence a um único poder o caminho da liberdade ou da tolerância, mas que mais humano é o homem quando pode criar entidades que abarquem todas as possibilidades do sonho e da razão” (Robles, 2006, p. 74). Desse modo, distintas noções de feminino e masculino, bem como de humanidade, compõem a origem divina da Mulher-Maravilha, e reduzir tal riqueza com o intuito de propagar paradigmas maniqueístas, ou seja, uma concepção da natureza feminina reduzida à predisposição materna (bom) e ao ciúme obsessivo (mau), esgota a força cultural da personagem.

A justificativa para tamanha mudança nas histórias da super-heroína seria o amor por Steve Trevor. A devoção excessiva da princesa amazona ao piloto americano a teria feito abdicar de sua potencialidade divina para viver o sonho americano e, enfim, desenvolver preocupações mundanas. Paralelamente a essa fase da personagem, os movimentos feministas eclodiam com mais vigor nos Estados Unidos, o que proporcionou o cenário ideal para reviver a força simbólica da Mulher-Maravilha, por exemplo,

[...] a feminista e ativista política Gloria Steinem, que também era uma das criadoras da *Ms. Magazine*, revista norte americana de cunho liberal

e feminista, colocou Diana na capa de sua revista com o título “Mulher Maravilha para presidente”. Com essa edição, as editoras esperavam fazer uma ponte entre o feminismo de 1910, apoiado por William Marston, e o feminismo de 1970 com a Mulher-Maravilha dos anos de 1940, o feminismo que fez parte de suas infâncias (Nascimento, 2018, p. 22, grifo da autora).

Recapitulando o percurso histórico de Diana, percebe-se que as décadas de 50 e 60 contribuíram para o retrocesso da super-heroína tanto em relação aos seus ideais libertários quanto a sua força. Entretanto, em conjunto com os movimentos feministas, a princesa amazona ascendeu no imaginário coletivo como símbolo político. Com base nesse raciocínio, a atitude de Gloria Steinem representa um ponto de alternância na história da Mulher-Maravilha, porquanto une historicamente os ideais concebidos na origem da personagem com as novas demandas feministas da época.

Com o passar dos anos, Diana sofreu alterações estéticas, bem como mudanças relativas a alguns aspectos de seu nascimento: antes uma criança modelada a partir do barro e, posteriormente, abençoada pelos deuses, enquanto HQs futuras descreviam a princesa amazona como fruto da união de Zeus e Hipólita. A construção mitológica da Mulher-Maravilha, independente da origem observada, foi alavancada para o grande público com o auxílio de mídias emergentes que, cada qual a seu modo, expandiam as fronteiras fictícias da super-heroína para adentrar em novos âmbitos sociais. É possível mencionar a série de TV protagonizada por Lynda Carter entre 1976 e 1979, responsável por representar a transformação de Diana desde sua insegurança no mundo dos homens até o amadurecimento. A referida adaptação se torna valiosa pelo fato de incorporar a uma mídia performativa os feitos da princesa amazona, antes restritos aos domínios das HQs; além disso, incentivou a formação no imaginário coletivo de uma super-heroína que rompia paradigmas conservadores.

No século XXI, os filmes de super-heróis se tornaram uma febre mundial, fenômeno bastante difundido devido ao crescimento do Universo Cinematográfico *Marvel* (UCM) que, desde o lançamento do primeiro *Homem de Ferro* (2008), conquistou o afeto de legiões de fãs ao redor do mundo. Em 2017, ainda seguindo o sucesso estrondoso das produções envolvendo super-heróis, temos *Mulher-Maravilha* (2017), dirigido por Patty Jenkins e protagonizado pela atriz israelense Gal Gadot. O longa-metragem alcançou a maior bilheteria já registrada para um filme dirigido por uma mulher, feito

apenas superado dois anos depois com o lançamento de *Capitã Marvel* (2019) e, posteriormente, de *Barbie* (2023).

Apesar da relevância inquestionável de tais produções, uma vez que possibilitam a fuga do cânone consagrado do cinema, este muitas vezes amparado pela tradição masculina, determinadas linhas narrativas fomentam a persistência de estereótipos corporais. Assumindo como base de análise *Mulher-Maravilha* (2017), o enredo constantemente destina seu foco ao corpo de Diana, o que pode gerar duas reflexões: a tentativa de reforçar os atributos físicos da personagem, decisivos para superar os conflitos da narrativa; a prevalência do olhar dominante, em geral masculino, que tende a sexualizar o corpo da super-heroína. Com base nas reflexões de Engler Prudencio, ressalta-se que

[...] a aparência e a beleza da heroína passam a ser o principal traço observado e ressaltado verbalmente nas primeiras interações com os personagens que são introduzidos [...] É isto que observamos com Diana, personagem cujas qualidades interiores se tornam visíveis sobretudo por meio de expressões de sua força física e beleza (Engler Prudencio, 2020, p. 16).

O trecho acima sugere que, quando Diana entra em contato com o mundo dos homens, os traços físicos da princesa amazona sempre funcionam como os elementos distintivos que a particularizam aos olhos dos outros personagens. Seria possível supor que o enredo do filme se apropria dessa percepção para criticar tal comportamento sob o corpo feminino; todavia, a problemática essencial consiste na construção de padrões corporais vistos como perfeitos, principalmente considerando que a mídia cinematográfica possui um amplo campo de circulação, isto é, favorece a comercialização de modelos arquetípicos. Além disso, ao destacarmos a centralidade atribuída ao corpo feminino nas sociedades patriarcais, é imprescindível reconhecer que tal foco está intrinsecamente ligado à sua objetificação (reificação) — um processo pelo qual as mulheres foram historicamente reduzidas a instrumentos de reprodução, prazer e controle social. Lerner (2019), por exemplo, considera o seguinte “A hierarquia entre os homens era embasada nas relações de propriedade, sendo reforçada com poder militar. O lugar das mulheres na hierarquia era mediado pelo *status* dos homens de quem elas dependiam” (Lerner, 2019, p. 147). Nesse raciocínio, a mulher, sob o modelo patriarcal, está reduzida a uma posição de subserviência, a qual é vítima do controle do marido ou do seu proprietário, caso seja escravizada. A título de exemplo, temos o conflito por

Briseida entre Aquiles e Agamenon, catalisador da crise entre os gregos e baseado na posse de mulheres, vistas como prêmios de guerra.

Não apenas reduzidas à subserviência, as narrativas predominantes a respeito da identidade feminina precisam ser analisadas, uma vez que, como mencionado anteriormente, podem simplesmente reproduzir discursos masculinos. No plano teórico, as contribuições das primeiras feministas são cruciais porque, embora reconhecessem esferas específicas de ação da mulher, foram capazes de ressignificar o cuidado materno como aspecto indispensável para se pensar o desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, “[...] as mulheres tinham direito à igualdade por serem cidadãs, logo, possuíam os mesmos direitos naturais que os homens, e também porque, como *mães*, tinham mais condições que os homens de melhorar a sociedade” (Lerner, 2019, p. 55, grifo da autora). Nessa linha de raciocínio, o potencial da mulher não se restringe à esfera doméstica, pelo contrário, suas aptidões garantem não apenas o direito político, mas também viabilizam uma posição crucial para resolver os problemas do mundo. Essas reflexões são importantes pelo fato de trazerem novas cosmovisões sobre a ação feminina na esfera pública como um todo, ao invés de reproduzirem narrativas triviais, estas movidas pelo *status quo* ou pelas necessidades da indústria, o que ocorre no próprio filme da Mulher-Maravilha.

Um exemplo claro de banalidades narrativas no filme seria o desfecho romântico da super-heroína com o piloto Steve Trevor, “[...] convenção hollywoodiana segundo a qual a heroína deve necessariamente formar uma ligação romântica e, posteriormente, ter uma noite de sexo com Steve antes da batalha final” (Engler Prudencio, 2020, p. 17). Diana evidentemente rompe barreiras patriarcais no longa-metragem, o que não anula a existência da lógica capitalista para impulsionar o *marketing* do filme. A lógica do mercado, obviamente, ultrapassa a trama romântica e alcança o domínio da beleza física, característica sempre evidenciada em todas as encarnações da personagem. Isso nos permite perceber o seguinte paralelo entre a estética da beleza e o culto ao modelo heroico,

A ligação central do transformador é a ideologia esperançosa das revistas para mulheres. Ao fornecer uma linguagem onírica da meritocracia (“tenha o corpo que merece”; “não se tem um corpo maravilhoso sem esforço”), do espírito empreendedor (“tire o melhor partido dos seus atributos naturais”), da absoluta responsabilidade pessoal pela forma do corpo e pelo envelhecimento (“você *pode* moldar totalmente seu corpo”;

"suas rugas estão agora sob seu controle") e até mesmo confissões francas ("afinal você também pode conhecer o segredo que as mulheres belas guardam há anos"), essas revistas mantêm as mulheres consumindo os produtos dos seus anunciantes na busca da total transformação pessoal em *status* que a sociedade de consumo oferece aos homens sob a forma de dinheiro. Por um lado, a promessa otimista das revistas femininas de que elas podem fazer tudo sozinhas é sedutora para mulheres que até recentemente só ouviam dizer que não sabiam fazer nada sozinhas (Wolf, 1992, p. 36-37).

Wolf (1992) ressalta o papel das revistas na década de 90 para propagar ideais de empreendedorismo, meritocracia e responsabilidade sobre o próprio corpo, o que nos induz a refletir que os filmes, de formas variadas, ajudam a modelar essa nova roupagem do mito da beleza na sociedade. Atualmente, podemos ampliar tais considerações quando alinhadas ao meio cinematográfico, pois embora o discurso predominante seja relativo à noção de representatividade, cabe indagar se, para além do protagonismo feminino, determinadas escolhas narrativas não estão apenas perpetuando formas de imposição cultural. Diana pode atrair fãs pela sua força e independência; todavia, convenções de Hollywood também associam o poderio da personagem a uma imagem corporal, racial e cultural definidas, típicas do cinema norte-americano. Nesse caso, os filmes atualizam o mito da beleza e podem, a depender dos discursos subjacentes, estimular o consumo do público para que estes se adequem à comercialização ideológica que propaga modelos do ser "bonita", do ser "poderosa" e do ser "empreendedora de si", incentivando, inclusive, a competitividade feminina.

Além disso, o que o meio cinematográfico mostra, assim como as histórias em quadrinhos, é o fato de a Mulher-Maravilha estar sempre vinculada a domínios socioculturais. Dependendo dos discursos analisados, a força simbólica da personagem se adequa ao meio midiático. Essa perspectiva é libertadora quando recapitulamos o pensamento de Beard (2023) ao refletir sobre as estratégias utilizadas por algumas mulheres para chegar ao poder: "Algo que muitas dessas mulheres têm em comum é a capacidade de usar a seu favor os símbolos que em geral enfraquecem o poder feminino" (Beard, 2023, p. 55). Se símbolos possuem valor social, determinadas construções culturais podem ser ressignificadas. Por anos, Diana foi utilizada como modelo do padrão de vida norte-americano, destituída de seus poderes; porém, com a ascensão dos

movimentos feministas⁸ e o trabalho de novas roteiristas⁹ interessadas em mostrar o potencial expressivo e progressista da Mulher-Maravilha, a personagem pode dialogar com novas gerações e, por conseguinte, representar novos ideais inclusivos.

Diana Prince se tornou um símbolo do discurso feminista e, ao mesmo tempo, foi acusada de representar o estereótipo de mulher perfeita. As vias de análise para abordar a princesa amazona são inúmeras; contudo, a Mulher-Maravilha permanece como uma presença constante nas HQs e nas animações da *DC Comics*, e desconsiderar os feitos da super-heroína para alavancar a mitologia da mulher guerreira e inspirar incontáveis gerações com o protagonismo feminino, certamente não seria promissor.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento deste artigo, objetivou-se discorrer sobre a ambiguidade presente na construção mitológica da Mulher-Maravilha. Para alcançar o objetivo pré-estabelecido, foi necessário analisar a jornada da super-heroína ao longo dos anos, considerando suas aparições, de forma a compreender os discursos que sustentam a simbologia da personagem.

Embora Diana Prince represente uma personagem fictícia, é inegável que sua construção mitológica no decorrer das décadas tenha sido amparada por diferentes discursos políticos. A origem da princesa amazona em 1941 simbolizou um ponto de alternância nas histórias em quadrinhos, uma vez que rompeu a cosmovisão de personagens femininos em posição de subalternidade e, de modo consequente, erigiu a condição de mulher guerreira, feito inédito no contexto histórico das HQs.

⁸ A crescente publicação de obras feministas e o paulatino reconhecimento da autoria feminina no mundo acadêmico tornam-se ferramentas indispensáveis para se refletir sobre os séculos de omissão orquestrados contra a voz das mulheres. Em meio a tal efervescência política, é necessário pensar em um mundo onde as mulheres sejam capazes de falar sobre si mesmas e escrevam sobre suas histórias singulares. É preciso “[...] que ela se escreva, porque é a invenção de uma escrita nova, rebelde que, quando chegar o momento da libertação, lhe permitirá realizar as rupturas e as transformações indispensáveis na história [...]” (Cixous, 2022, p. 44). O apelo de Helene Cixous não apenas condiz com a apropriação das ferramentas instituídas pelo patriarcado, mas também, acima de tudo, com a ascensão da consciência feminina, não mais acorrentada a dogmas ilusórios. A Mulher-Maravilha pós os anos de 1980, considerando o crédito dado a suas roteiristas e ilustradoras, pode ser apontada como uma nova aliada (ainda prematura) na busca pela quebra dos paradigmas patriarcais.

⁹ Isso é especialmente perceptível a partir de 1980, quando mulheres integrantes do time de colaboradores da Mulher-Maravilha passam a receber os devidos créditos nas HQs da super-heroína, conquista provavelmente influenciada graças aos movimentos feministas. Com o passar dos anos, Diana ainda sofreu experimentações no universo dos quadrinhos, inclusive em questões voltadas para seus interesses amorosos, que nem sempre são regidos pela heteronormatividade.

Com o fim da guerra, a Mulher-Maravilha se tornou agente de propagação dos paradigmas normativos da época em relação aos papéis de gênero. Destituída de seus poderes divinos, Diana assume a posição de cidadã americana. Nessa nova fase, a personagem se torna consumista e objetiva a pacificidade da relação matrimonial, um aparente retrocesso considerando o protagonismo da guerreira amazona durante a 2ª Guerra Mundial.

De um modo geral, a Mulher-Maravilha é resultado de variados discursos subjacentes ao significado de “ser feminino”, postulados tanto pelos seus roteiristas quanto pelos anseios do contexto sociopolítico. Independente da oscilação presente na jornada da super-heroína, isto é, sua ambiguidade entre ser símbolo do feminismo emergente e representar ainda estereótipos de gênero, é indubitável a importância de Diana Prince para formar o imaginário dos super-heróis. Juntamente com *Batman* e Super-Homem, ela representa o triunvirato dos personagens mais relevantes da *DC Comics*, e conquanto não possa englobar o feminismo como um todo, certamente pode impulsionar a força das mulheres que reivindicam posições de protagonismo jamais restritas à subserviência ou à maternidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marta Mega de. A Cidade das Mulheres: A questão feminina e a pólis revisitada. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: Relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 111-140.
- BEARD, Mary. *Mulheres e poder: um manifesto*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. Disponível em: <https://dokumen.pub/qdownload/mulheres-e-poder-ediao-revista-e-ampliada-9788542220834.html>. Acesso em: 7 de janeiro de 2024.
- BELEBONI, Renata Cardoso. O Leito de Procusto: o gênero na Grécia Antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: Relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 141-152.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Vol. III. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Tradução de Natália Guerellus e Raíssa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.
- PRUDENCIO, Natalia. Empoderamento e biopolítica nos feminismos midiáticos de Mulher-maravilha e Capitã Marvel. *Tropos: comunicação, sociedade e cultura*, [S. l.], v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://teste-periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3957>. Acesso em: 20 dez. 2023.

- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MASSEY, Michael. *As mulheres na Grécia e Roma Antigas*. Tradução de Maria Cândida Cadavez. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.
- MOTTA, Wallans Ferreira; TARDIN, Elaine Borges. Mulher maravilha: ícone feminista ou reafirmação de estereótipos? *Revista Transformar*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 96-107, 2017. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/109>. Acesso em: 3 jan. 2024.
- NASCIMENTO, Julia Barreto do. *A Mulher-Maravilha é feminista: a história do feminismo contada através da heroína americana*. Orientadora: Profª Drª. Kátia Zanvettor Ferreira. 2018. 77 f. Monografia (Habilitação em Jornalismo) – Curso de Jornalismo, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, Universidade do Vale do Paraíba, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.univap.br/dados/000041/000041f2.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2024.
- NOGUEIRA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- PIMENTEL, Maria Augusta O. A tapeçaria história: gênero e mito. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 203-223.
- ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 16/01/2026

Aceito em: 10/06/2026